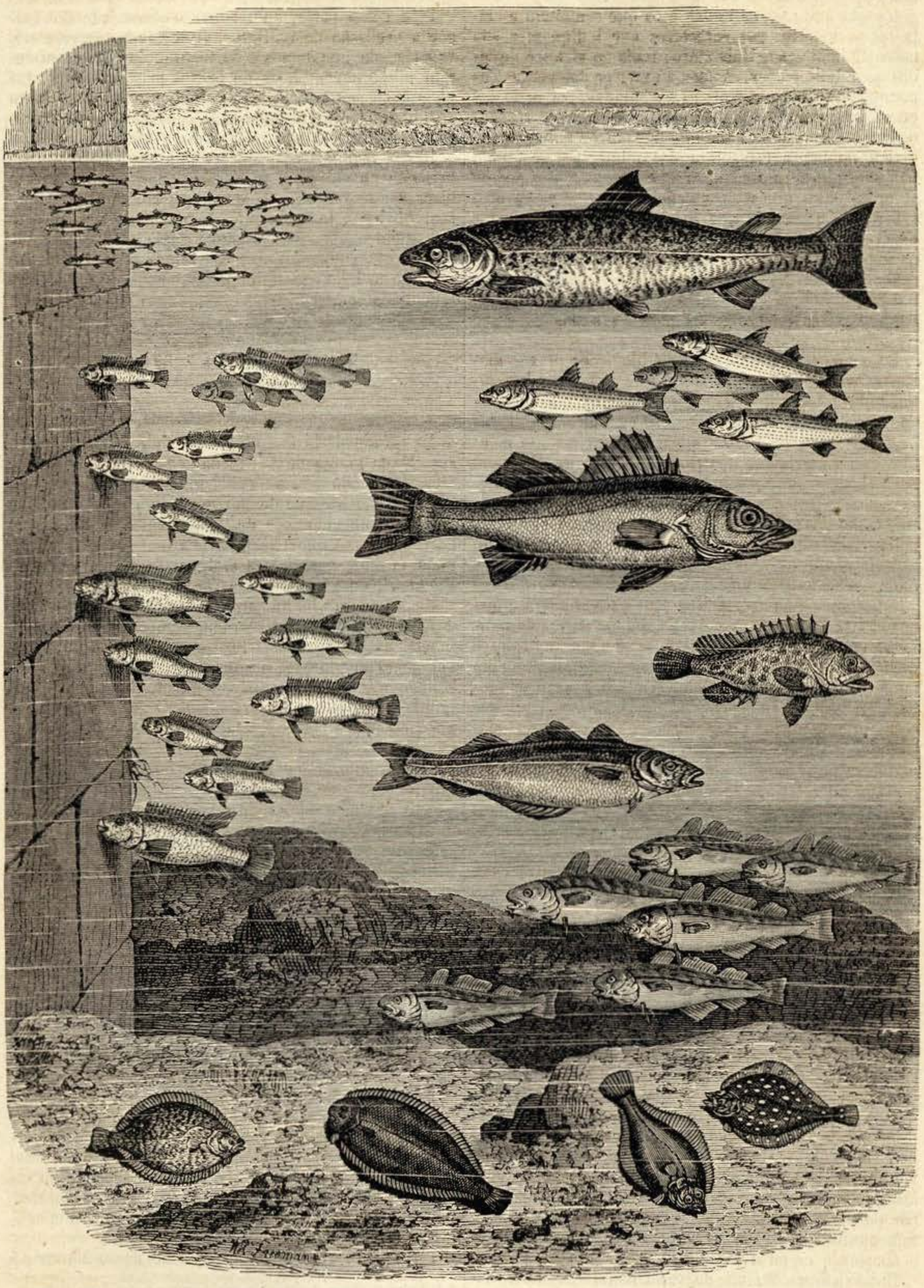


Estação dos peixes nos rios

Onde a natureza agglomerou aguas, ahi copiosamente disseminou peixes. Nos rios e nos mares se encontram estes animaes, que tanto prendem a attenção do homem, e que de tanto proveito lhe são. Quizeram alguns naturalistas, considerando-os sob o ponto de vista do seu *habitat*, dividil-os em *marinhos*, ou habitadores dos mares, e *fluviaes*, ou habitantes dos rios, como os botanicos tinham dividido as plantas, attendendo aos logares em que espontaneas appareciam, em plantas das planicies, dos valles, dos montes, das costas e dos mares.

A observação das particularidades organicas dos pei-

xes e dos vegetaes não habilitou, porém, os sabios que se occuparam d'este assumpto a differençarem os entes que povoam as aguas e os que esmaltam e embellecem a terra, por caracteres que indiquem a sua especial habitação. Mais claro; mais ao alcance de todas as intelligencias. A fórma exterior dos peixes; as escamas que os revestem; as barbatanas, por meio das quaes se viram facilmente; as guelras, que correspondem aos pulmões do homem e dos outros animaes que vivem no ar; a estructura dos olhos, a que faltam palpebras, estão-nos a dizer que só nas aguas podem viver os entes que a Providencia quiz que as povoassem; mas, por mais que se examinem os peixes que de ordinario moram em rios, e que se comparem com os que andam pelos mares, não se lhes encontra differença sensivel; e conhecem-se especies, entre as quaes figuram os salmões e enguias, que, em certas epochas, passam das aguas salgadas para as aguas doces, e reciprocamente.

Se não tem sido possivel distinguir os peixes marinhos dos fluviaes, sabe-se, graças ao estudo de muitos observadores dedicados e infatigaveis, que nem todas as especies ichthyologicas se encontram em todas as aguas; que ha peixes que só vivem no alto mar; que os ha privativos dos rios; que a alguns aprazem os rochedos que formam o fundo das bacias dos mares e os leitos dos rios, d'onde lhes veiu a denominação de peixes *saxatiles*, que é o mesmo que dizer peixes dos rochedos ou das rochas; e que outros amam especialmente as proximidades das costas e as aguas mais chegadas á atmosphera.

A estampa que acompanha este artigo mostra a disposição que tomam os peixes n'alguns portos de mar.

Se em vez de querermos consignar o facto de se distribuirem os peixes em camadas sobrepostas, ou em andares, quizessemos ostentar erudição e avançar proposições sem o indispensavel fundamento, facil nos seria, attendendo ao peso especifico das aguas dos rios e dos mares; á pressão que exercem as camadas superiores sobre as que mais proximas ficam do fundo; á acção do sol e do ar; á agitação differente dos differentes stratos; á fórma e volume dos peixes, etc., expor uma theoria mais ou menos elegante e verdadeira para explicar o phenomeno.

Contentemo-nos com reconhecel-o e admiremos a sabedoria de Deus, que em todas as suas obras associou o bom com o bello.

Ingratos e muito ingratos tem sido os homens para com tão dadivoso Pae; ingratos fechando os olhos e não querendo admirar a sua sabedoria infinita, que em tudo se revela; ingratos, se não rematados loucos, negando ás vezes a existencia do Creador, e invocando como causa e origem de tudo o acaso, que é o nada, a ignorancia, as trevas, a negação do poder, da força, da intelligencia, do amor; ingratos utilisando os immensos e inexgotaveis dons que o bom Deus lhes faculta a plenas mãos, sem ao menos erguerem agradecidos o espirito ao ceo, propondo-se o empenho de bem-merecerem tantos favores; ingratos até na maneira verdadeiramente selvatica como, assoberbados ou pela cubiça, ou pela ignorancia, quando não é por uma e por outra, sacrificam, malbaratam, e parece pretenderem annullar as fontes de riqueza que para seu regalo e abastança creou a Divindade.

Haja vista as scenas de vandalismo que todos os dias se presenceiam por esse reino, e principalmente a poucos metros da capital, nas proprias aguas que a banham, e em que ella, donairosa e bella, se espelha; scenas vandalicas, de que são complices não só os que, a troco de alguns ceitis, vão sacrificando com as redes de arrastar, e com os *cercos*, ainda mais damnosos, riquezas incalculaveis, mas o governo, as auctoridades locaes, os homens bons das terras em que por esta fórma se exerce a industria da pesca, e até os escriptores, que pospõem este gravissimo ponto a outros muito somenos.

Pela nossa parte, cumprimos o dever que nos impõe a profissão de escriptor, protestando contra a selvageria, de que temos sido testimunha, de se matarem milhões e milhões de peixes pequenissimos, inuteis pelo seu pouco desenvolvimento, para, á custa de tamanha riqueza esbanjada com parvoa indifferença, se realisarem uns miseraveis tostões.

D'aqui pedimos aos poderes publicos; aos sacerdotes, que no pulpito e no confessionario muito podem dizer a este respeito; a todos, em summa, que poderem obviar este mal, que não poupem esforços para que, pelo menos, se respeite a legislação que regula as pescas, a fim de que a espantosa escassez de peixe, que já hoje nos afflige, se não aggrave, antes seja remediada sem sacrificios que a nação não póde fazer.

Sousa Telles.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 241)

II

Na cidade de Lisboa ou em suas circunvisinhanças, aos 24 de março de 1762, nasceu, e foi, como é de crer, baptisado pouco depois um menino, que, recebendo então o nome de Marcos, veiu a ser pelo tempo adiante conhecido pelo de Marcos Antonio da Fonseca Portugal [1], até que elle proprio o encurtou em annos mais tardios, passando a assignar-se *Marcos Antonio Portugal*, ou simplesmente *Marcos Portugal*.

De principio alludimos n'este estudo ás contrariedades que já por via de regra nos impecem em nossas investigações. Se ellas não fossem, ser-nos-hia possivel, percorrendo os cartorios de todas as parochias de Lisboa, e n'elles os registos baptismaes da epocha alludida [2], encontrar no assento do baptismo do nosso *maestro* não só a indicação precisa do local do seu nascimento, mas, provavelmente, algumas noticias de seus progenitores, cujos nomes e condições são de todo ignorados.

Não podêmos dar credito á asserção de Fétis, repetida por todos os biographos que servilmente o copiaram, de que era *Simão* o cognome ou appellido de Marcos. Não nos consta que entre nós esse nome servisse jámais de appellido a familia alguma. Ao que parece, houve n'isto equivocação com o nome proprio do irmão de Marcos, que assim se chamava, e que, seguindo egualmente a profissão musical, passára tambem ao Brasil, onde fallecêu [3].

Sabe-se que, além d'este irmão, tivera ainda Marcos uma irmã unica, a qual, chegada á edade nubil, se desposára com outro distincto compositor, Antonio Leal Moreira, tambem digno de honrosa memoria em nossos fastos musicaes.

Raramente os genios predestinados pela natureza para grandes coisas deixam de revelar desde logo as felizes disposições do talento. Felizes, quando a fortuna se não apraz de contrarial-as, como em mal acontece frequentes vezes, forçando a succumbir as vocações nascentes aos golpes da adversidade, ou desviando-as para errado e tortuoso caminho, onde sentem fugir-lhes a vida inutil e ingloriosa!

Diverso foi, porém, o destino do nosso Marcos, a

[1] Assim o vemos denominado em algumas peças dramaticas com musica de sua composição, que possuimos impressas, e foram cantadas no theatro do Salitre em 1788 e 1789, as quaes teremos de mencionar em logar proprio.

[2] A nosso rogo, e empenhado por servir-nos, commetteu o sr. Joaquim José Marques essa indagação a pessoa de confiança, e que a ella se prestou, sendo-lhe facil por suas circumstancias o que para nós se tornava pouco menos que impossivel. Houve, porém, o desgosto de ficar baldado o trabalho, pois que, examinados os cartorios de quasi todas as freguezias de Lisboa, em nenhum d'elles appareceu o assento procurado!

[3] Vid. Balbi, no *Essai statistique*, tomo II, pag. CCVII. Affirma-se que Simão Portugal, sobre ser bom compositor para peças soltas, taes como arias e duetos, na qualidade de pianista sobreexcedia ao irmão.

quem, favorecido da sorte, não escassearam meios e recursos para attingir o grau condigno á especialidade do talento com que a natureza o dotára. Mal entrado na puericia, começou n'elle a desenvolver-se a inspiração musical, como que balbuciando ao mesmo tempo as notas e as palavras. A musica andava então mui valida na corte, e era cultivada nos seus differentes generos. El-rei D. José, a cujos ouvidos não chegavam as reflexões do bispo do Pará [1] e de outros taes descontentes, que o taxavam de perdulario por *esbanjar* (como hoje se diz) os dinheiros publicos em gastos superfluos e funcções apparatosas, attrahia com mão larga os mais insignes cantores e instrumentistas de Italia [2], sem que deixasse de remunerar, ainda que mais parcamente, os nacionaes que se distinguiam n'esta arte, que fazia as suas delicias. Os saraus dos paços da Ajuda e de Salvaterra, e as festas da patriarchal, brilhavam com esplendor, e davam brado por toda a Europa culta [3]. A profissão da arte era, pois, honrosa e lucrativa; e os paes de Marcos, provavelmente pouco abastados, entenderam que, aproveitando as felizes disposições do filho, lhe abriam de futuro uma carreira vantajosa.

N'este presupposto começou elle os seus estudos, entrando em 1770, aos oito annos de edade, no seminario patriarchal, para ahi aprender os rudimentos da arte a que se destinava [4]. A isto alludem os seus biographos, quando erradamente nos dizem «que elle recebêra as primeiras lições em um convento de Lisboa.»

Dirigia por aquelle tempo as aulas musicas do seminario João de Sousa de Carvalho, que, havendo regressado da Italia, onde, a expensas da liberalidade régia, fôra aperfeiçoar-se na sciencia juntamente com Jeronymo Francisco Lima, Braz Francisco Lima e outros, viera communicar aos seus patricios as luzes adquiridas. Foi elle, ao que se affirma, o primeiro que entre nós deu aos compositores regras fixas e seguras para adaptar a instrumentação á musica vocal [5].

Rapidos foram os progressos de Marcos sob o ensino de tão habil professor, começando logo a distinguir-se, concitando a estima do mestre e a admiração dos condiscipulos, e supprindo com as inspirações do genio a escassez dos annos. Entre esses condiscipulos, a quem servia de exemplo e emulação, se contava, cremos, o já mencionado Antonio Leal Moreira, que contrahira com elle estreita amizade, e mais tarde parentesco, unindo-se a sua irmã pelos laços do consorcio [1].

Como os estudos musicos dos seminarios se encaminhavam principalmente a preparar cantores e instrumentistas para o serviço da egreja, foi na musica sacra que Marcos Portugal teve de manifestar as primicias do seu adiantamento. Diz Fétis, e o repetiram outros, ignorâmos sobre quaes fundamentos, *que algumas cançonetas italianas, e algumas arias com orchestra, que escrevêra para o theatro de Lisboa, foram os seus primeiros ensaios*. Declarâmos, comtudo, não haver até agora encontrado em parte alguma memoria ou vestigio de taes composições. O que sim sabemos, por ser o proprio Marcos que nol-o diz em um catalogo por elle escripto em Lisboa, comprehendendo todas as suas obras até 1809, e ao qual teremos mais vezes occasião de alludir, é que a primeira em data ahi mencionada vem a ser um *Miserere* a quatro vozes e canto de orgão, escripto sem destino particular no anno de 1776 (contava então quatorze de edade), seguindo-se a este uma *Ladainha*, tambem a quatro vozes, com acompanhamento de cravo, feita para o seminario em 1779. Após esta, e pelos annos de 1780 a 1782, varios psalmos (inclusivè outro *Miserere* a cinco vozes) destinados para a patriarchal, com algumas antiphonas, responsorios, etc. Vem tambem pelo mesmo tempo duas missas com instrumental, outras para a capella real de Queluz, e nos annos de 1783 e 1784 outras duas a canto de orgão para a patriarchal, etc., etc.

[1] Vid. as *Memorias* do referido bispo, dadas recentemente á luz pelo sr. Camillo Castello-Branco.

[2] O castrado Gizzielli, ou Egypcielli, recebia em Lisboa, pelos annos de 1761, de ordenado annual a bagatela de 14:400$000 réis.

[3] Vid. as *Memorias* citadas, pag. 185.

[4] Enganado talvez por erronea intelligencia do que lêra em Balbi, (tomo II, pag. 74), alguem teve para si, que a eschola denominada *seminario musical* fôra fundada em Lisboa no reinado de D. Maria I. É manifesta a equivocação. O estabelecimento d'aquella eschola de musica data de certo del-rei D. João V, e conservou-se sem interrupção até o anno de 1834, em que passou a ser annexada á casa-pia de Lisboa, e pouco depois encorporada no conservatorio dramatico (hoje real) de Lisboa. Quando aquelle soberano, *senhor legitimo das honras, vidas e fazenda de seus vassallos,* dispendeu quantiosissimas sommas, afervorado no empenho de transportar para Lisboa as maravilhas da Roma papal, erigiu, como é sabido, a egreja patriarchal, em cuja organisação e serviço se patenteava o proposito de assimilhar a capella dos reis de Portugal ao Vaticano. Foi então que, para serviço da mesma egreja, fundou em Lisboa, dotando-o de abastados rendimentos, e fazendo-o confirmar por bulla de Benedicto XIV de 21 de julho de 1741, o seminario patriarchal, em cujas aulas os seminaristas aprenderiam latim, ritos e ceremonias ecclesiasticas, musica, e todo o mais necessario para os que se habilitassem ao serviço da patriarchal. Este instituto, estabelecido de principio no palacio dos antigos arcebispos de Lisboa, passou depois para outros logares, e padeceu diversas vicissitudes, não sendo a menor as consequencias do terremoto de 1755.

Quando a patriarchal foi definitivamente collocada na Ajuda, para ahi passou tambem o seminario, cujos estudos se restringiam por esse tempo aos do latim e musica, e foi n'elle que aprenderam e ensinaram os nossos mais distinctos mestres do passado e do presente seculo. Em 1780, a rainha D. Maria I fez reinstaurar o antigo seminario sob o titulo de collegio de Nossa Senhora da Conceição do patriarchado, dando-lhe casa em Santarem; porém o seminario de musica continuou a permanecer na Ajuda, até ser em 1834 annexado (como dissemos) á casa-pia, que então se transferiu do extincto mosteiro do Desterro para o dos Jeronymos, em Belem.

Era reitor um conego da patriarchal, e havia ordinariamente cinco mestres de musica, que ensinavam a solfa, canto, musica instrumental e contraponto. O primeiro professor percebia de ordenado annual 600$000 réis; os dois immediatos 400$000 réis cada um; e dos outros dois ignorâmos ainda os vencimentos. O numero de discipulos no começo d'este seculo orçava regularmente de quinze a vinte em cada anno.

[5] João de Sousa de Carvalho foi natural do Alemtejo. O seu reconhecido merito lhe attrahiu o favor da corte, succedendo a David Perez no honroso cargo de mestre de musica das pessoas reaes. Deu como tal lições á princeza do Brasil D. Maria Benedicta, aos principes D. José e D. João, e infanta D. Marianna Victoria, filhos da rainha D. Maria I. Dedicando-se de preferencia ás composições theatraes, escreveu grande numero de peças lyricas, que foram cantadas com applauso nos palacios regios por occasião dos anniversarios da familia real. Não virá fóra de proposito dar aqui a lista chronologica das que encontrámos impressas:

Amor industrioso: opera cantada no paço da Ajuda pelos musicos da real camara em 1763.

Eumene: idem, no mesmo paço em 1773.

O monumento immortal: drama allegorico em portuguez, cantado na sala da junta do commercio, em Lisboa, a 8 de junho de 1775, na solemnidade por occasião da inauguração da estatua del-rei D. José.

Angelica: opera cantada no paço de Queluz em 1778, para solemnisar o anniversario da princeza do Brasil, D. Maria Benedicta.

Testoride argonauta: idem, no mesmo paço em 1780.

Seleuco, re di Siria: idem, no mesmo paço, festejando os annos de D. Pedro III, em 1781.

Everardo II, *re di Lithuania:* idem, 1782.

Tomiri: idem, 1783.

Endimione: idem, 1783.

Adrasto, re de gli Argivi: opera cantada no paço da Ajuda para celebrar o anniversario de D. Pedro III.

Neptuno e Egle: fabula pastoril cantada no paço da Ajuda, na solemnidade do casamento dos infantes D. João e D. Carlota Joaquina, em 1785.

Alcinoe: opera cantada no mesmo paço em 1787.

Numa Pompili, re di romani: serenata cantada na Ajuda em 1789.

[1] Peza-nos que, á falta dos elementos necessarios, não possamos tambem dar noticias circunstanciadas d'este nosso *maestro,* digno de mais detida commemoração, e cujo nome nem sequer chegou ao conhecimento de Fétis, pois o vemos totalmente omittido na *Biographie universelle,* figurando n'ella os de tantos que muito menos o mereciam. Antonio Leal Moreira, nascido, segundo se affirma, em Lisboa, e fallecido, ao que parece, haverá trinta ou poucos mais annos, foi notavel por seu talento musico, mestre do real seminario, e distincto compositor da camara real e do theatro de S. Carlos, onde com acceitação se representaram varias operas suas. D'ellas achámos impressas, em poder do sr. J. J. Marques, as seguintes:

Siface e Sofonisba: opera cantada no palacio de Queluz a 5 de julho de 1783, anniversario de D. Pedro III.

L'iminei di Delfo: drama allegorico cantado em 12 de abril de 1785 no paço da Ajuda, para festejar os casamentos dos infantes.

Esther: oratoria representada no paço da Ajuda em 1786.

Gli eroi spartani: opera representada em Queluz a 21 de agosto de 1788, anniversario do principe D. José.

Gli affetti del genio lusitano: drama allegorico cantado na casa-pia do Castello em 1789, para celebrar as melhoras do principe D. João.

Il natal augusto: drama allegorico cantado a 17 de maio de 1793 no palacio de Anselmo José da Cruz Sobral, para solemnisar o nascimento da princeza D. Maria Theresa.

A saloia namorada: drama ou burletta em portuguez, cantado no theatro de S. Carlos em 1793, no beneficio do celebre castrado Domingos Caporalini.

A vingança da cigana: burletta em portuguez, cantada no mesmo theatro em 1794, em beneficio do sobredito Caporalini.

L'eroina lusitana: opera representada em S. Carlos em 1795.

Continuando a guiar-nos pela narrativa de Fétis, á falta de documentos melhor averiguados, diremos que recebêra tambem lições de canto de um italiano chamado Borselli, cantor da opera em Lisboa (onde aliás não havia por aquelles tempos theatro italiano, desde que em 1774 se mallográra a empreza do da rua dos Condes com a expulsão da celebre Zamperini [1]), e que ouvíra as de contraponto de um Orão (nome desconhecido, e que, pelo menos, parece estropeado), segundo mestre de capella da cathedral. Mais se affirma que fôra este Borselli que, tendo deixado Portugal para ir a Madrid, levára comsigo Marcos, e ahi lhe obtivera o logar de acompanhador ao cravo na opera italiana. Que durante a sua estada n'aquella capital, o embaixador portuguez, encantado pelo genio que n'elle divisava para a musica dramatica, lhe proporcionára os soccorros necessarios para transportar-se a Italia, onde, com effeito, chegára em 1787.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

Se a remota origem de uma terra póde servir a esta de brazão de nobreza, com mais razão se deve julgar nobilitada pela antiguidade de um estabelecimento de caridade ou instrucção publica. Aquelle brazão é, certamente, um titulo honorifico, de vangloria para os habitantes, de muito apreço para os archeologos, mas de pouca valia para o philosopho. É uma vantagem casual, como no homem o privilegio inherente ao nascimento. Porém a fundação de um estabelecimento de caridade ou de instrucção publica é um documento irrecusavel de progresso, e, por essa razão, quanto mais antigo for, tanto maior lustre d'ahi resulta para a povoação que o possue. A' ancianidade dos esforços de um povo para o seu desenvolvimento moral e aperfeiçoamentos sociaes é, inquestionavelmente, o mais nobre de todos os seus titulos; o mais apreciavel para os homens estudiosos e pensadores, qualquer que seja o ramo da sciencia que cultivem; e o mais aceito, devemos crel-o, do Omnipotente, porque, creando o homem á sua similhança, e illuminando-lhe a alma com a centelha divina da razão, deu-lhe o trabalho por missão na terra, o trabalho, que é o elemento de todos os aperfeiçoamentos humanos.

São muitas as povoações que se honram em o nosso paiz com a posse antiquissima de algum d'aquelles estabelecimentos. Os annaes da instrucção publica em Portugal começam no principio da monarchia, e tem por fundadores os mosteiros e as sés; mas os da caridade tem origem ainda mais antiga, e nas suas paginas estão inscriptas quasi todas as terras do reino. Quando o vencedor de Ourique cingiu a sua fronte gloriosa com a coroa real, já eram muito numerosos no paiz os estabelecimentos de beneficencia, que, com o nome de albergarias, recebiam e tratavam gratuitamente os enfermos pobres, ou agasalhavam pelo amor de Deus os peregrinos e viandantes fatigados ou desvalidos. N'este assumpto, como em outros não menos importantes, levaram os portuguezes, no caminho da civilisação, dianteira a nações que hoje se ufanam de mais cultas que Portugal.

Pelas considerações que deixâmos expendidas, bem se póde julgar quanto interessa a uma terra, que conta dentro dos seus muros uma d'essas instituições, averiguar e esclarecer a origem d'ella. Entretanto, são muitas as que, achando-se n'aquelle caso, ignoram a historia da fundação de taes estabelecimentos.

[1] Vid. o *Hyssope*, poema heroi-comico, de pag. 185 a 189, da edição de Paris, 1821.

Para algumas povoações essa ignorancia é desculpavel, porque procede de extravio de documentos, o que, infelizmente, é muito commum em um paiz como este nosso, que tem sido tão assolado por terremotos e por invasões estrangeiras. Para outras é o resultado de não ter havido pessoa intelligente, e zelosa da honra da terra, que faça as convenientes investigações nos archivos da localidade.

A cidade de Tavira, que floresceu sob o dominio dos romanos com o nome de *Talabriga*, cujos fastos, por conseguinte, se ennobrecem com tantas memorias de remotissima antiguidade, ainda não tinha bem averiguado, até ha pouco tempo, a historia da fundação do seu hospital do Espirito Santo.

O padre Antonio de Carvalho, que tanto se dedicou ás investigações archeologicas, tratando da cidade de Tavira na sua *Chorographia portugueza*, nada diz ácerca d'este estabelecimento de caridade. Tambem o auctor da *Chorographia do Algarve* não elucida satisfatoriamente a questão, apesar de tratar d'este reino com muito mais desenvolvimento e miudeza do que o padre Carvalho o trata na sua *Chorographia*.

Deve-se ao zelo e diligencias do sr. José Vaz Guerreiro de Aboim a descoberta dos documentos que esclarecem completamente o assumpto, pelo que diz respeito á fundação do hospital. D'estas suas investigações, e da descripção do hospital, fez o sr. Guerreiro de Aboim uma interessante e noticiosa memoria, com a qual brindou a empreza do *Archivo Pittoresco*, juntando-lhe uma photographia do edificio do dito estabelecimento, de que é cópia a gravura que adorna este numero.

O adiantamento em que vae este volume, e a necessidade que temos de reservar logar para a conclusão de diversos artigos, e para a publicação de outros, reclamados pela natureza e programma d'este semanario, impedem-nos de inserir aqui aquella memoria na sua integra, por ser extensa; mas copiaremos ou extractaremos d'ella o mais principal, como segue:

«Quando em setembro de 1858, quebrando o proposito que formára, no meu regresso do Rio de Janeiro, de não servir onde a lei me não chamasse, acceitei, a instancias de amigos, a eleição para o cargo de escrivão da mesa do hospital, fui alli encontrar uma antiga tradição, que refere que dois irmãos, de profissão almocreves, haviam estabelecido na rua de Santo Antão uma albergaria, em que recolhiam os pobres viandantes, e os tratavam se por acaso adoeciam.

«Em que anno, porém, começou este pequeno estabelecimento; se foi devido á iniciativa d'estes dois homens, ou de outros particulares, como eu me inclino a crer; ou á do estado, como alguns pretendem; por que maneira passou a cargo da confraria ou confrarias que depois se formaram, ou se foram estas que o instituiram, são coisas que não podêmos affirmar, por nos faltarem documentos que nos sirvam de base.

«Entretanto, uns apontamentos que se acham escriptos em um dos tombos da casa chamada do Tello, que datam de 1698, referem-se a um livro pequeno, escripto em pergaminho, que estava no armario dos privilegios, pelo qual constava que a primitiva fundação já existia antes de 1430.

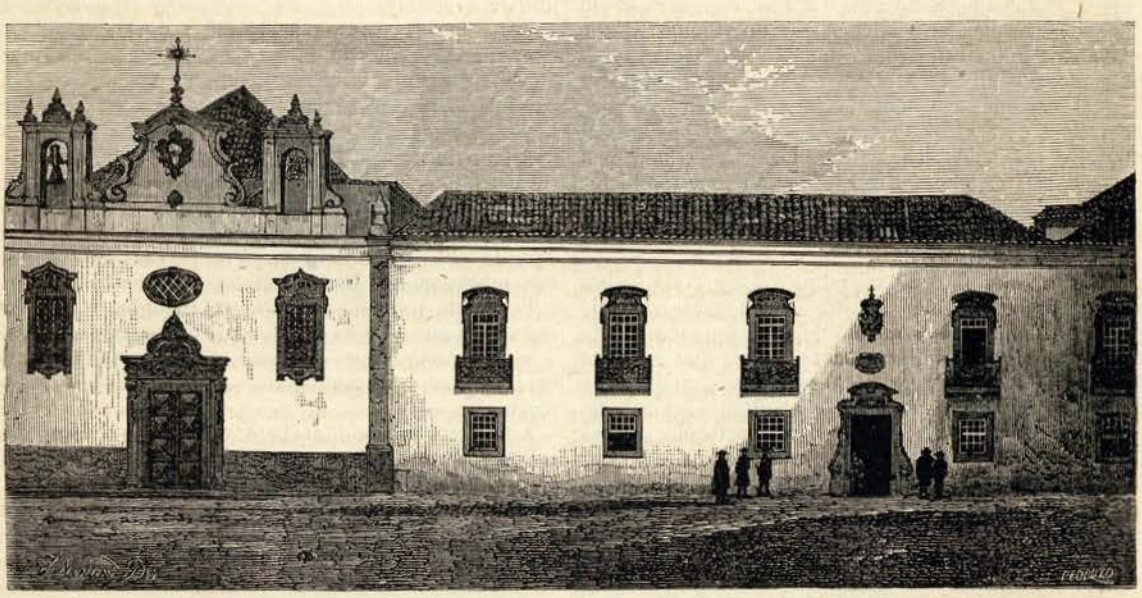
«O archivo, que fôra mui rico em documentos, que hoje seriam de maximo interesse, está reduzido a bastante penuria, pelo desleixo dos que d'elle tratavam, e até talvez porque muitos dos principaes documentos fossem juntos aos autos de diversas questões que o hospital sustentou, nos principios do seculo XVI, com o bispo de Silves, e muito posteriormente, por differentes vezes, com os provedores da comarca, todas ellas relativas á manutenção dos seus numerosos privilegios e immunidades, nas quaes sempre saiu victorioso.»

Passando a descrever o estado de desordem e con-

fusão em que encontrou o archivo, o que o obrigou á improba tarefa de o coordenar e classificar, apresenta o sr. Guerreiro de Aboim uns documentos que alli descobriu, com os quaes poz em toda a evidencia a epocha da fundação do hospital.

São cinco os documentos, escriptos em pergaminho, nos caracteres gothicos usados n'aquelle tempo. Apesar de se acharem estes documentos muito deteriorados, foram interpretados e postos em vulgar, a pedido do sr. Guerreiro de Aboim, pelo sr. José Francisco Marques Freire, da mesma cidade de Tavira, cavalheiro mui versado em paleographia. O mais antigo d'estes documentos é a seguinte carta ou alvará del-rei D. Affonso V:

«D. Affonso, por graça de Deos, rei de Portugal e dos Algarves e senhor de Ceita, a quantos esta carta virem fazemos saber, que os cavalleiros, escudeiros e homens bons do concelho de Tavilla nos enviarão dizer, que pode haver uns oito annos, que em a dita villa fizerão uma confraria em honra de Santa Maria, por um milagre que fez, por bem da qual confraria lhe dizem cada segunda feira uma missa offertada, tendo todos os confrades cirios nas mãos, afóra outros grandes que estão sempre accesos, em quanto se diz a dita missa, e que, por quanto dispendiam muita cera, compraram na serra um logar em que tem uma malhada de colmêas, de que ha cera para os ditos cirios. E porque não acham homem, que lhe tenha cargo das ditas colmêas; e isso mesmo outro que seja mordomo da dita confraria, que lhe é compridouro, salvo se lhe outorgamos para ello um privilegio, porque os escusemos de todolos nossos encargos, servidões, e do concelho, nos pediam por mercê que lhe outorgassemos o dito privilegio. E visto por nós seu requerimento, e querendo-lhes fazer graça e mercê, por esmola á honra de Santa Maria, temos por bem e queremos, que dous homens, convem a saber, um que seja mordomo da dita confraria, e outro que tenha cargo de correger as ditas colmêas, e em quanto tiverem os ditos cargos, sejam escusados de servir em todos os nossos encargos e servidões, nem do concelho da dita villa, e isso mesmo queremos que tãobem sejam escusados de pagarem nossos pedidos, peitas, fintas, talhas, aprestamos e serviços, que por nós ou por o concelho são ou forem lançados daqui em diante. Porem mandamos ao corregedor e contador do dito reino, e aos juizes da dita villa, e aos nossos sacadores e recebedores dos nossos pedidos, e a outros quaesquer officiaes e pessoas, a quem o conhecimento deste pertencer, que hajam os ditos dous homens daqui em diante por escusados dos ditos cargos, servidões e pedidos, como dito é, e os não constranjam pera cousa alguma d'elles, dos quaes homens escrevam os nomes no livro da vereação, pera se saber quaes são, e se por ventura morrer algum, ou fallecer por outra alguma maneira, queremos que os ditos confrades possam poer outro em lugar delle, em guiza que sejam sempre dous e mais não. E assim mandamos que lhes cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar esta nossa carta pela guiza que em ella é conteudo, sem outro embargo; e uns e outros al non façades; e esta carta lhes não guardareis se assellada não for. Dada em a cidade d'Evora aos 16 de Janeiro. Lopo Fernandes a fez, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1450 annos.»



Hospital do Espirito Santo, em Tavira

Este documento declara a data da instituição da confraria, que foi no anno de 1442. A da fundação do hospital consta de outros documentos, dos quaes fallaremos no seguinte numero.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES

I

UMA ALVORADA DE CASTELHANOS

Estava a terminar o primeiro canto d'essa gloriosa *Iliada* portugueza, que teve por Achilles Nuno Alvares Pereira, por Ulysses o doutor João das Regras, e em que o mestre de Aviz representou, de certo, um papel ainda mais glorioso do que o de Agamemnon. A nacionalidade portugueza manifestára-se já de um modo deslumbrante; o povo fizera a sua apparição na scena da historia; e o rei de Castella, suspenso diante da inexpugnavel Lisboa, começava a perceber o que é e o que vale o patriotismo.

Estava quasi a findar o mez de setembro de 1384. Durante o espaço de um anno, que tropel de grandes acontecimentos n'este canto occidental da Europa! Morrêra el-rei D. Fernando em outubro de 1383, deixan-

do, como ultima consequencia da sua desastrosa politica, a herança de Portugal a sua filha, rainha de Castella, a regencia do reino a sua esposa, a adultera e criminosa Leonor Telles. O povo começára protestando surdamente contra o testamento que o entregára aos castelhanos, a nobreza mostrára-se decidida a não acceitar a preponderancia do conde Andeiro, amante reconhecido da rainha viuva. O mestre de Aviz apparecêra, como instrumento providencial, para satisfazer os odios da fidalguia e as aspirações do povo. A punhalada que vibrára nos paços de S. Martinho livrára o reino do valido odiado; a fuga para Alemquer de D. Leonor, que ardia em desejos de vingança, deixára o campo livre ao mantenedor da nacionalidade portugueza. Debalde os fidalgos, reconsiderando, e vendo que ao valido da rainha que odiavam succedêra um valido do povo que temiam, fizeram causa commum com D. Leonor e com os castelhanos, que ella chamára em seu auxilio. O povo, quasi inerme, e *de ventres ao sol*, como diz Fernão Lopes, tomára os castellos defendidos pelos homens d'armas, e erguêra-se em massa para defender a independencia portugueza. Nuno Alvares Pereira estreára a campanha no Alemtejo, ganhando a batalha de Atoleiros; Lisboa, durante quatro mezes cercada, e commandada pelo mestre de Aviz em pessoa, repellira todos os assaltos do rei de Castella, e soffria heroicamente as torturas da fome sem pensar em render-se. É verdade que ao mesmo tempo assolava a peste o arraial castelhano, e avisava o esposo de D. Beatriz de que não poderia prolongar o seu obstinado assedio.

Nos ultimos dias de setembro o aspecto de Lisboa era soturno. A fome chegára ao seu paroxismo; já tinham sido expulsos da cidade os judeus e as meretrizes, como as primeiras bocas inuteis que era licito sacrificar em taes apuros. Apesar d'isso, mulheres e crianças morriam á mingua, e apresentavam aos defensores da cidade um lamentoso espectaculo; grupos macilentos e desvairados esgaravatavam a terra nos sitios onde se vendiam cereaes quando cereaes havia, para encontrarem alguns pobres grãos de trigo que lhes enganassem a fome. Os soldados, resolutos, mas tristes, relanceavam um longo olhar para o Tejo, pedindo á Providencia o inesperado soccorro. Debalde! O rio estava atulhado de navios castelhanos, por entre os quaes nem um barco se podia escoar; a bandeira castelhana tremulava tambem em Almada. Todos os horisontes cerrados, e em nenhum d'elles fluctuavam, mesmo vagamente, as roupas aéreas d'essa divindade consoladora que se chama Esperança!

Se elles, comtudo, podessem estar, na madrugada em que se abre esta narrativa, nos arredores de Almada, presenciariam um espectaculo que de certo os rejubilaria. Nós, que temos, como romancista, o dom da ubiquidade, transportar-nos-hemos ao sul do Tejo e veremos o que por lá se passa.

Vinha rompendo o sol, e os seus raios alegres doiravam as cumiadas dos montes sobranceiros ao rio, e scintillavam nas limpidas aguas que beijavam amorosamente as quilhas das galés castelhanas. Indolentes como quem se julgava seguro, regalavam-se os castelhanos dormindo *la grasse matinée*, como os francezes, seus alliados, diziam, nas poisadas onde se alojavam em Almada, Cacilhas e nas aldeias circunvisinhas. Subito um grito os sobresalta: *Armas, armas, Castilla, Castilla!* brada-se pelas ruas já cheias de sol. Logo em seguida ouve-se o pesado tropear de cavallos acobertados de ferro; logo depois o tinir das espadas, o gemido dos moribundos, os gritos dos combatentes. Levantam-se á pressa, ainda sem saberem o que os desperta; aqui um castelhano, no trajo primitivo de Adão e Eva, mas de espada em punho, procura o inimigo; outros fogem em habitos menores; aqui apparece um sem gibão, outro vestiu dois á pressa. «Mas o que é?» perguntam todos. E um outro grito lhes responde: «Nuno Alvares, Nuno Alvares.» O nome do joven heroe transforma em terror panico o sobresalto; pela ingreme encosta que vae ter a Almada arroja-se a turba fugitiva, galga-a espavorida, atropella-se, uns fatigam-se e caem pisados aos pés pelos que os seguem; a onda sobe, sobe sempre como as aguas de uma inundação. Já sentem o resfolegar dos cavallos dos soldados de D. Nuno. Jesus! aquella massa confusa, que o sol nascente illumina com espanto justificado pela variedade dos trajos, que todos alli se encontram, desde a nudez primitiva até á ferrea vestimenta de um guerreiro da edade média, faz um ultimo esforço, galga gemendo o monte, precipita-se no castello, entra, cerram-se as portas, e os cavallos offegantes dos portuguezes, cobertos de suor e brancos de espuma, estacam de improviso diante do muro impenetravel da fortaleza.

— Corpo de Deus, senhores castelhanos, brada uma voz forte, ainda que entrecortada pelo cançaço, não tardará a desforra.

Era Nuno Alvares que assim fallava; Nuno Alvares, que galopára dia e noite, seguido por um punhado de homens d'armas, desde Evora até á margem do Tejo, para dar esta desagradavel alvorada aos soldados do rei de Castella.

A temeridade fôra grande; a pequena hoste que cercava o futuro condestavel, e que tal panico espalhára entre os castelhanos, formava um esquadrão de duzentos cavalleiros, quando muito.

— Já que tão alto subimos, continuou Nuno Alvares, mostremo-nos bem a amigos e a inimigos.

E, dando volta ao cavallo, encaminhou-se para a eminencia que domina o Tejo como um terraço natural. Quando soffrearam os ginetes á beira do abysmo, todos soltaram involuntariamente um grito de admiração.

A modesta cidade de D. Fernando desdobrava-se nas collinas da margem fronteira, entre o sitio onde hoje se levanta o arsenal do exercito e o largo do Corpo-Santo. O sol banhava as pinhas de casas que se desdobravam pelas encostas dos montes n'este limitado espaço comprehendidos. As setenta e sete torres da cêrca desenhavam na pura atmosphera os seus bellicos perfis. Em volta da cidade, a certa distancia da muralha, e começando em Santos, desenrolava-se o arraial castelhano, alinhado e resplandecente como outra cidade improvisada. A oeste de Lisboa erguiam-se as collinas, hoje tambem cobertas de casaria, então vestidas apenas de verdura. Em baixo o rio deslisava magestoso e sereno. Cobria-o diante da cidade uma floresta de mastros, cerrada como um arvoredo virgem: era a esquadra castelhana. O sol doirava os differentes planos d'este quadro variegado, e envolvia no manto luminoso esse panorama, que alegrava os olhos de quem não sabia os horrores que occultava.

Depois de um instante de muda contemplação, Nuno Alvares, voltando-se para os seus, exclamou, procurando reprimir a commoção que lhe fazia tremer a falla:

— Senhores, saudemos a cidade heroica! Honra ao seu heroico chefe! Real, real, pelo mestre de Aviz!

— Real! real! bradaram os cavalleiros agitando as espadas.

E logo a pequena hoste se formou em linha de batalha; os cavallos, impacientes, alinharam-se, escarvando o chão, á beira do abysmo, sobre o qual de longe pareciam suspensos. O alferes, collocando-se no centro, desenrolou á brisa o seu pendão ovante; os raios do sol reflectiram-se, como em espelhos polidos, n'essa longa linha de ferro formada pelas cervilheiras e os elmos.

— Real, real, pelo mestre de Aviz! bradaram de novo os cavalleiros.

E as suas espadas accenderam no ar como que um longo relampago. E as trombetas, erguendo a sua voz estridula, enviaram a Lisboa uma saudação festiva.

Respondeu-lhe ao longe um vago echo, como que um longo murmurio. Era o grito de jubilo soltado pelo povo de Lisboa, apinhado nos caes, e que n'esses lampejos indecisos, que fuzilavam aos raios do sol na margem fronteira, adivinhára as espadas robustas, as invulneraveis coiraças de Nuno Alvares.

— Oh! meu valente irmão d'armas! murmurava Nuno lançando para Lisboa os olhos arrasados d'agua. Dera dez annos da minha vida para poder agora combater ao teu lado.

— Oh! Alda! Alda! murmurava Affonso Eanes, um dos mais novos entre os escudeiros de Nuno. Dera a minha vida inteira para que este rio que nos separa me levasse a teus pés, e me permittisse poisar um beijo só nos teus labios.

E suspiraram ambos, o namorado escudeiro, e o heroico fronteiro de Entre Tejo e Odiana, cuja amante querida era a gloria.

Algum tempo se conservou a hoste n'aquella attitude soberba. Depois Nuno Alvares enterrou as esporas no cavallo, e, seguido pelos seus, galopou em direcção a Cacilhas.

N'essa mesma noite estava em Palmella.

II

AS ALMENARAS DE PALMELLA

Era uma noite sem lua; Lisboa dormia, se se póde chamar dormir á tregoa rapida que o soffrimento concede. Um plumbeo silencio pesava sobre as tortuosas ruas da cidade, silencio cortado aqui e além por alguns gemidos flebeis, que se exhalavam dos sitios onde penavam as victimas da fome, e pelos gritos de álerta dos atalayas que velavam nos muros, e cuja vigilancia era fiscalisada por numerosas roldas e sobreroldas.

O rio arrastava no seio das trevas a sua corrente negrejante matizada das perolas luminosas que o ceo estrellado sobre ella semeava. O murmurio queixoso da vaga quebrando nos caes, aquella triste melopéa que preside á eterna evolução da superficie movel das aguas, despertava nos espiritos abatidos uma pungente melancolia e um desalento profundo.

No eirado dos paços de S. Martinho, onde residia o mestre de Aviz, passeiava este acompanhado por alguns dos membros do seu conselho, entre os quaes devemos notar o chanceller-mór João das Regras. O bastardo de Pedro I está inquieto, agitado, febril. Muitas vezes pára, e relanceia os olhos com certo ardor para a margem meridional do Tejo, outras vezes, chegando-lhe aos ouvidos algum gemido que se exhala do seio da cidade angustiada e oppressa, volta a passeiar com uma agitação que se trahe em palavras sem nexo, em gestos de desespero.

— Perdido! murmura elle; perdido na vespera do triumpho! Esperar! Se eu podesse esperar dois dias! A peste devasta o arraial inimigo! Depois de ámanhã, ámanhã talvez, não ha nem um castelhano diante de Lisboa! Mas esperar... como? A fome tenho-a aqui. É o espectro que me vem arrancar sem piedade da mão os loiros e o diade... Ah! se eu fosse rei!...

— Silencio! murmurou João das Regras olhando receioso para os outros fidalgos que palestravam áparte.

Mas o mestre não o ouvia.

— Se Nuno Alvares ao menos alli estivesse defronte... Se não fosse, como foi de certo, um vão sonho a visão d'esta manhã... Impossivel! Como poderia estar em Almada quando os castelhanos o apertam em Evora? Se eu te podesse aqui ter, meu fiel amigo, leal como a tua espada e valente como ella...

João das Regras franziu o sobr'olho. Nunca o chanceller-mór se póde costumar a ouvir seu amo elogiar Nuno Alvares.

Subito os outros fidalgos soltaram um grito de espanto.

— Olhae, senhor, olhae, diziam elles apontando na direcção de Palmella.

No horisonte calliginoso, no meio das trevas profundas, accendêra-se de subito uma chamma vermelha, que fulgurava ao longe como estrella-pharol que Deus fizesse surgir para illuminar o caminho aos mysteriosos navegadores do oceano dos ares. O mestre cravou os olhos com anciedade n'esse ponto vermelho que reluzia ao longe, trémulo fanal de esperança. Todos fitavam a vista no horisonte, anciosos sem saberem por quê. No silencio profundo da noite podia-se ouvir o bater dos corações dos homens agrupados no eirado, e o rumorejar das ondasinhas do Tejo, entoando o seu estribilho incessante. Não esperaram muito tempo; n'outro ponto do horisonte, a pouca distancia do primeiro, accendeu-se nova chamma, depois terceira, e outra ainda, e outra. Aquelles fachos silenciosos fulguravam de subito no ceo, como olhos esbrazeados que o ceo abria para ver as miserias terrenas. Depois as cinco estrellas rubidas permaneceram immoveis e scintillantes, como as antigas almenaras moiriscas nos pincaros das montanhas.

— É elle! é elle! bradou o mestre com enthusiasmo; é Nuno Alvares que me dá signal da sua presença, que me envia de longe a saudação e o conforto! Meu fiel paladino! cavalleiro sem mancha! Annunciam-te essas letras de fogo que escreves no horisonte, como te annunciaram esta manhã os relampagos da tua espada! Depressa, depressa! venha um facho! enviemos-lhe por cima da cidade em lucto a nossa luminosa resposta.

Logo subiram pagens ao eirado, trazendo fachos, cuja chamma ondeante ao vento projectou um clarão trémulo sobre as figuras dos fidalgos reunidos no eirado, e fel-as ondear como esses vultos das velhas tapeçarias de Arrás que a luz oscillante da lampada illumina.

Reinava profundo silencio; os pagens immoveis, como candelabros vivos, espancavam em torno de si as trevas com a luz que os fachos espargiam; ao longe palpitavam as rubidas estrellas que Nuno Alvares accendêra no horisonte.

Ouvia-se lá em baixo o manso rumorejar das aguas do Tejo.

O mestre aproximou-se do parapeito, sentou-se, e, firmando a barba na mão, cravou nos pontos luminosos que fulguravam para os lados de Palmella um olhar melancolico. Depois começou em voz baixa, como se temesse perturbar o silencio augusto da noite:

— Fadou-nos irmãos d'armas o destino! Quando elle veiu á corte, de edade de treze annos, quiz Leonor Telles vestir-lhe as armas. Não encontraram coiraça que lhe servisse, por ser criança ainda. Eu tinha então quinze annos; emprestei-lhe a minha coiraça de adolescente, e Leonor Telles, com essa mão que, banhando-se em tanto sangue, não perdeu nunca a transparente alvura, enfiou-lh'a sorrindo. Era a nossa cruel inimiga, que assim atava os laços de uma fraternidade que nunca se desmentiu! Quem nos diria, crianças descuidosas, o que havia de succeder depois! Annos tranquillos, como fugis depressa! Praias floridas, com quanta brevidade vos perdemos de vista, mal pomos o pé n'este baixel aventureiro para sulcarmos o mar procelloso da existencia!

Todos escutavam com respeito; brilhavam sempre além as chammas longinquas, e o Tejo murmurava queixoso, revolvendo no seio das trevas as suas ondas negras.

O mestre continuou com a mesma voz melancolica e saudosa, que era apenas um murmurio:

— Que valente espada aquella! que enthusiastico espirito! que ingenuo coração! Intrepido no perigo, é uma criança no trato intimo! Bravo leão para os inimigos, é para os amigos como esse leão de Androcles, de que ainda n'outro dia João das Regras me contava a historia. É um heroe antigo! Ah! mas quanto eu te invejo agora, meu fiel companheiro! Pelejas livremente, fazes brilhar ao sol dos combates a tua invencivel espada, luctas, vences, temerario e sublime! E eu, eu, encerrado n'estes muros, combatendo com um espectro intangivel, espectro que me prostra, que eu não posso domar — a fome, hei de morrer, mas de que morte! Ingloria, obscura, e sem proveito nem para o meu nome, nem para a patria.

E o mestre deixou cair a cabeça entre as mãos. Mudos e aterrados, os seus fieis cavalleiros contemplavam com profunda tristeza o desespero sombrio do heroe. Largo tempo se conservaram assim; depois, levantando os olhos para o horisonte, viram apagar-se uma das chammas, e successivamente as outras. O mestre seguiu tambem esse expirar das estrellas ficticias, e murmurou com voz cava:

— Assim morre a esperança.

Fez um gesto com a mão, e pagens e fidalgos saíram. Elle ficou sósinho, immerso nos seus pensamentos, com os olhos cravados no horisonte sem luz, até que os primeiros clarões da aurora vieram purpurear o oriente.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 264)

XI

Não tem a Povoa de Varzim propriamente sociedades de credito ou companhias de seguros, mas ahi estabeleceram suas delegações e agencias o *Banco União*, do Porto; a agencia geral de emprestimos hypothecarios sobre o banco da *Companhia geral do credito predial portuguez;* a companhia de seguros *Garantia*, do Porto; e a companhia de seguros hespanhola *El Fenix*. A agencia de emprestimos hypothecarios realisa as suas transacções sob a firma commercial de Pacheco & C.ª

Em 1863 foi approvada, por alvará de 10 de junho, a creação do *Monte-pio da associação dos pescadores, artistas e agricultores da Povoa de Varzim*, para cuja realisação tinham trabalhado com incançavel esforço e louvavel perseverança os cidadãos Francisco José da Nova, conhecido na villa pela alcunha de *Capitão da Nova*, José Soares Modesto (já fallecidos), João José da Nova e Manuel de Sousa Guerra. Em 1 de março 1864 verificou-se a installação definitiva e legal d'este monte-pio, sendo por então ou pouco depois eleitos presidente o sr. Francisco Fernandes de Castro, e thesoureiro o sr. Gaspar Fernandes do Nascimento; e taes e tão importantes foram os serviços prestados por estes benemeritos povoenses á associação e á sua terra, que o proprio governo se julgou obrigado a galardoar os do primeiro, concedendo-lhe a commenda da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo.

Compõe-se o monte-pio de socios nacionaes e estrangeiros, com residencia na villa da Povoa de Varzim ou nas freguezias annexas ao concelho, quer elles se dediquem á pescaria, quer se empreguem na agricultura, ou em qualquer industria, profissão, arte ou officio; e o seu fim unico é «soccorrer os socios no transe de suas vidas, procurar os melhoramentos das classes, e tratar do livramento de seus filhos quando sejam apurados para o recrutamento militar», em harmonia com as leis do paiz. Para este fim admitte por socios bemfeitores os proprietarios e as pessoas abastadas, que se prestem com actos de philanthropia e rasgos de dedicação humanitaria a auxiliar tão benefico instituto [1].

Com relação ás vantagens de que gozam os socios pescadores, dizem os estatutos:

«Quanto aos socios pescadores:

«1.º O socio pescador que não podér continuar no uso de sua arte, quer seja por doença incuravel e avançada edade, quer por necessidade reconhecida, perceberá d'esta associação uma diaria de 100 réis, que lhe será entregue no fim de cada semana pelo fiscal.

«2.º O socio pescador que em serviço da pescaria tenha a infelicidade de arribar a qualquer porto do nosso ou do reino visinho, receberá pelos fiscaes ou agentes d'esta associação uma diaria de 100 réis até ao seu regresso.

«3.º O socio pescador que por naufragio ou sinistro soffrer prejuizo total no seu barco de pescaria receberá uma quarta parte proporcional em que for avaliado o prejuizo, como auxilio d'esta associação, e poderá requerer á direcção para lhe ser confiado o restante preciso para a compra do novo barco, ficando este hypothecado e pagando d'essa quantia o juro de 3 por cento [2].»

Além d'estas vantagens, trouxe esta associação ás classes laboriosas da villa da Povoa de Varzim uma que sobresaíu a todas pela sua importancia real, e foi livrar, sobre tudo os desventurados pescadores, das garras da usura.

Obtendo em outro tempo, e nas diversas crises que padecem os pescadores, dinheiro na razão de 50 por cento ao anno, como é sabido, depois da fundação do monte-pio não só esta classe encontrou o capital prompto e disponivel para acudir ás urgencias da vida, que são tanto mais criticas quanto menos abundante é a pesca, mas tambem a melhor vontade dos funccionarios e bemfeitores da associação, e o modicissimo juro de 5 por cento ao anno.

Foi em uma d'essas crises espantosas, que atravessam as povoações do litoral, e contristam os corações mais frios e duros, para attenuar os effeitos das quaes carece-se por vezes dos esforços e da abnegação de muitos; foi em uma d'essas crises, repetimos, que o digno presidente do monte-pio, o sr. Francisco Fernandes de Castro, acudiu a este piedoso instituto, emprestando gratuitamente a importante quantia de réis 9:024$240, conforme as notas que temos presentes, sendo tambem parte d'esta somma applicada para a compra de um palacete, onde se vê hoje o monte-pio, na rua do Bandeira, com frente para a rua da Lapa. Para amortisar o valioso emprestimo do seu presidente, o cofre social pagou já diversas prestações, na importancia de 5:449$000 réis.

A nota dos penhores effeituados desde a fundação do monte-pio é a seguinte:

1864....1:188	penhores....	2:619$435	réis
1865....2:673	»	....4:713$285	»
1866....1:863	»	....2:841$385	»
1867....1:352	»	....2:009$765	»

Os fundadores do monte-pio, para mostrarem o seu entranhado patriotismo e o respeitoso affecto que consagram á dynastia de Bragança, pozeram nos estatutos um artigo, que deixâmos aqui registado como sincera homenagem aos louvaveis sentimentos que o dictaram. É o seguinte:

«Esta associação mandará celebrar uma missa pelo eterno descanço de todas as pessoas reaes fallecidas, pertencentes á dynastia de Bragança, nos dias de seus anniversarios [3].»

(Continúa) Brito Aranha.

[1] *Estatutos do monte-pio*, art. 1.º, 2.º e 3.º
[2] Idem, art. 8.º
[3] Idem, art. 31.º